

CARLOS PRADO

PINTURA

DESENHO

GRAVURA



MAIO 1976

Arredio dos salões, das rodas e grupos de artistas e, conseqüentemente, da crítica, Carlos Prado, entretanto, nunca abandonou o exercício de diversos gêneros das artes visuais. E se, ao cabo de trinta e muitos anos de militância, é bastante limitado o número de obras que uma sua retrospectiva pode apresentar — deve-se o fato à circunstância de que o artista, extremamente rigoroso consigo mesmo, é de execução lenta em todas as etapas através das quais se desenrola e se cumpre a criação artística, da ideação, da fase fermentativa, por assim dizer, até a feitura propriamente dita. Seu relógio particular poderia prescindir da indicação dos segundos e dos minutos, bastaria que marcasse dias ou anos...

Carlos Prado surgiu aí pela década dos 30, quase ao seu final, quando, na companhia de Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho e Antônio Gomide, manteve um ateliê, à rua Padre Lessa, nos baixos do viaduto Santa Ifigênia, no mesmo edifício onde viria a se instalar o CAM — Clube dos Artistas Modernos — que tanto chacoalhou a vida artística, intelectual e boêmia, da cidade ainda não poluída daqueles tempos. Sua pintura mais conhecida, como a de seus companheiros, revela claramente sua filiação cronológica, desde o estilo, no mais amplo sentido, até a temática de caráter social, populista, tangenciando o folclórico. Era um tempo em que ainda prevalecia um certo fascínio pelos muralistas mexicanos.

Escrevendo sobre uma exposição de Carlos Prado, realizada em setembro de 1943, diz Sergio Milliet, em seu "Diário Crítico":

"O que parece caracterizar a obra de Carlos Prado é a sua honestidade técnica. Uma grande procura, permanentemente em ação, de matéria e de cor, justifica as telas menos convincentes como inspiração ou sensibilidade."

Realmente, como já acentuamos linhas atrás, trata-se de um pintor extremamente rigoroso consigo mesmo. De sorte que se erra, seus erros não advirão, com certeza, de alguma leviana improvisação ou de qualquer outra espécie de irresponsabilidade profissional. Serão erros ... conscientes, se é lícito assim dizer.

A pintura mais recente de Carlos Prado, como esta mostra revela, sofreu sensíveis modificações. Apresenta-se, agora, mais límpida e mais exata, numa linha aproximada do néo-realismo, sem embargo de que, a nosso ver, se haja operado o sacrifício da riqueza e sensibilidade das produções mais antigas.

Muitos desenhos podem ser vistos nesta exposição, ao lado de algumas dezenas de telas. E é para esses desenhos que desejaríamos chamar a atenção do visitante. Especialmente para os da série "memórias sem palavras", aliás já reproduzidos num álbum editado na Suíça — os quais pena é que não hajam sido suficientemente divulgados, como mereciam. Tais trabalhos, a nosso ver, constituem alguns dos mais altos momentos do desenho nacional. Flagrantemente autobiográficos, eles evocam, numa aura

de envolvente poesia, a infância do Autor, rebento de uma família ilustre, de potentados do café, num daqueles casarões aristocráticos de Higienópolis. Sergio Milliet, que prefaciou a edição bilingüe desse álbum ("Memórias sem palavras", Zurich, s/d), sentencia acertadamente que "se trata de um poema, com imagens e associações de idéias: o poema do menino do palacete".

A seguir, o ilustre crítico descreve o que esses desenhos magistrais recriam:

"... em primeiro lugar, o jardim com seus lagos artificiais, e suas árvores frondosas, seus ornatos, bem 1900, bem de uma época de pletora de riqueza e ainda marcada pela influência européia na vida das grandes famílias burguesas de São Paulo. Depois, a lembrança da casa mesma, do pequeno palácio de escadarias suntuosas, estátuas adquiridas nos Salões parisienses, grades de ferro forjado, e compridos terraços, em geral desertos. Há um silêncio de coisa supérflua, de luxo inútil, semeado de quadros e tapeçarias, um silêncio de enorme gaiola dourada para o menino que bem mais feliz seria sem governante nem mistérios."

Rematando a descrição dos desenhos, Sérgio Milliet pondera:

"Quer parecer-me que Carlos Prado encontrou finalmente sua expressão autêntica. Por muitos anos andou à procura de uma realização, hesitante entre a pintura de tema social, populista ou religioso, e uma interpretação mais desinteressada da figura e da paisagem. Muito tempo também se exercitou em técnicas diversas sem se satisfazer com nenhuma. Na realidade, era um surrealista discreto e o desenho a bico de pena é que lhe convinha. Sua obra atual comove pela mensagem psicológica e agrada pelas soluções estéticas. A composição é de um equilíbrio rigoroso e sem falhas, a textura preciosa varia sabiamente, adaptando-se com fidelidade ao assunto, a distribuição dos valores obedece a uma requintada compreensão do espaço, os ritmos são sugestivos sempre e ousados. Com segurança utiliza-se da superposição das formas e das transparências e sabe tirar um excelente partido da combinação de diagonais, verticais e horizontais. O traço é resoluto, firme, preciso. Tudo isso faz um artesão, não basta para qualificar o artista. Este manifesta-se, em Carlos Prado, na íntima ligação entre o fundo e a forma, resultante de uma capacidade inventiva, a um tempo avisada e destemida."

Carlos Prado, doublé de artista e de intelectual, ao compor esses desenhos da série "memórias sem palavras", realizou, a nosso ver, uma verdadeira obra prima. Revelou-se digno de ser um ilustrador de Proust, pois, como este, recriou o tempo perdido, com agudeza e profunda penetração psicológica, a que não falta o toque mágico da poesia, em seu envoltório de melancolia e mistério.

A só presença desses desenhos justificaria a exposição que ora o M. A. M. realiza. Ao vê-los, ou melhor, revê-los, vieram-me ao pensamento sábias palavras que ouvi de Gino Severini:

"Se l'arte non ha, come sostegno vitale, la Poesia, é pura fabbricazione."

Paulo Mendes de Almeida

Abril, 76
SP



Provincetown.



Homem, Gado, Pasto, .Nuvens...

TRABALHOS EXPOSTOS

PINTURA

1. 1931. Igreja, Itanhaém. Óleo s/compensado, 50x40
2. 1932/33. Violeiros. Óleo s/compensado, 62x42
Col. Marcos Marcondes
3. 1935. Paisagem. Óleo s/madeira, 40x70
Col. Eduardo Prado Jr.
4. 1935. Varredores de Rua. Óleo s/tela, 100x120
Acervo Museu de Arte de São Paulo — Assis Chateaubriand
5. 1935. Varredores Noturnos. Óleo s/compensado, 82x102
6. 1936. Enterro. Óleo s/tela, 91x134
Col. Elsa Souza Leão
7. 1936. Natureza Morta. Óleo s/tela, 50x65
8. 1937 (cerca de). Bom Jesus de Pirapora. Afresco, reboco s/eternite, 100x140
Col. Jorge Hue
9. 1938. Noturno. Guache s/papel colado em compensado, 93x60
10. 1938/40. Paisagem (Cape Cod). Aquarela s/papel, 40x55
Col. Vera Arduini
11. 1940. Francisco. Têmpera s/compensado, 97x68
12. 1940. Zeolandro. Monotipo, 42x25
13. 1940. João. Monotipo, 38x27
14. 1940. Xênia. Monotipo, 40x28
15. 1941. Natureza Morta. Têmpera e óleo s/masonite, 46x53
16. 1941. Procissão. Óleo s/tela, 125x157
17. 1941. Procissão. Óleo s/tela, 105x130,5
Acervo Museu de Arte Contemporânea da USP
18. 1943. Ronda de Domingo. Óleo s/masonite, 122x87
19. 1943. Vaso de Flores. Óleo s/masonite, 63x40
20. 1944. José. Óleo s/masonite, 73x61
21. 1944. Paisagem do Sumaré. Têmpera s/papel colado em masonite, 48x67,5
Col. Vera Pereira de Almeida
22. 1945 (cerca de). Paisagem. Óleo s/tela, 32x39
Acervo Biblioteca Municipal "Mário de Andrade"
23. 1946. A Estátua. Têmpera s/papel colado em masonite, 72x61
24. 1946. Noturno, Rio. Têmpera s/papel colado em masonite, 61x50
25. 1946. Peixes. Têmpera s/papel colado em duratex, 75x55
Acervo Palácio do Governo de Campos do Jordão
26. 1946. Violinista. Têmpera s/gesso s/celotex, 45x41
27. 1948. Provincetown. Óleo s/tela, 61x51
28. 1948. Fundos de Quintal, Nova Iorque. Óleo s/tela, 61x51
29. 1949. Freguesia do Ó. Óleo s/tela, 50x73
Col. Esther Galvão Castelnau
30. 1950. Balsa. Têmpera e óleo s/papel colado em duratex, 33x47
31. 1950. Barcaça de Areia. Têmpera e óleo s/papel colado em duratex, 35x47
32. 1950. Lua Cheia. Têmpera e óleo s/papel colado em duratex, 47x32
33. 1950. Paisagem, Tamboré. Têmpera e óleo s/papel colado em duratex, 33x47
34. 1951. Cavaleiros. Óleo s/compensado, 43,5x71,5
Col. particular
35. 1955. Bailarinos. Têmpera e óleo s/madeira, 197x74
Col. Esther Galvão Castelnau
36. 1955. Músicos. Têmpera s/duratex, 49x61
37. 1955. Paisagem, Cutia. Óleo s/tela, 65x92
Col. Esther Galvão Castelnau
38. 1967. Cláudio. Acrílico s/duratex, 71x57
39. 1969/70. Auto-retrato. Óleo s/tela colada em duratex, 47x40
40. 1970. Mormaço, Areia e Carne. Acrílico s/papel colado em duratex, 70x94
41. 1970. Salomé e Yokanahan. Óleo s/tela colada em duratex, 92x70
42. 1971/74. Violoncelistas. Óleo s/papel colado em duratex, 72x61
43. 1971/75. Música de Câmera. Óleo s/tela colada em duratex, 55x60
44. 1973. Homem, Gado, Pasto, Nuvens... Acrílico s/tela colada em duratex, 61x80
45. 1975. A Lavadeira. Acrílico s/tela colada em compensado, 81x61
46. 1975. Execução em Pleno Sol. Acrílico s/papel colado em duratex, 58x77
47. 1975/76. Fauna Urbana. Óleo s/tela colado em duratex, 70x120
48. 1975/76. Magia à Luz do Dia. Óleo s/tela colada em compensado, 82x61

DESENHO

1. 1935. 36x28,4
2. 1945. 29x36
3. 1953. 25,5x31,2
Col. Arthur Octavio de Camargo
Pacheco
4. 1954. 46x33
5. 1954. 45x31
6. 1954. 24x33,2
7. 1954. 24x32,5
8. 1954. 30x44
9. 1954. 46x30
10. 1954. 40x25,5
11. 1954. 42x28,5
12. 1954. 36x25
13. 1954. 40x27
14. 1954. 40x25
15. 1954. 21,5x36,5
16. 1954. 40x30
17. 1954. 40x25,5
18. 1955. 40x25,5
19. 1955. 44x30
20. 1955. 22x45
21. 1955. 22x45
22. 1955. 40x30
23. 1955. 45x30
24. 1955. 38x22,5
25. 1955. 48x30
26. 1955. 46x31
27. s/d. 32x48
28. s/d. 46x28,5
29. 1958. 22x31
30. 1972. 35x24,5
31. 1972. 31x38
32. 1972. 29x38,5
33. 1972. 44x29
34. 1972. 40x30
35. 1972. 31x38
36. 1972. 29x41
37. 1973. 30x24
38. 1973. 43x33
39. 1973. 46x35,5
40. 1973. 37x31
41. 1973. 36,3x50
42. 1973. 45x34
43. 1973. 39x27,5
44. 1974. 47x34
45. 1974. 47x35

DESENHOS ORIGINAIS DO ÁLBUM "MEMÓRIAS SEM PALAVRAS"

editado na Suíça, em 1954

1. O Parque. 47x33
2. A Casa Exterior. 44,5x32,3
3. A Casa, Interior. 44x31,5
4. A Vitrina. 41x28,5
5. O Quarto da Garagem. 35,5x30,5
6. O Porão. 39x27,2
7. A Governante. 50x33
8. O Sonho. 40x27,8
9. Mistérios. 45x30,5
10. O Tricô. 33,5x30,5
11. Discussão de Adultos. 40x22
12. Revolta. 44x28,5

GRAVURA

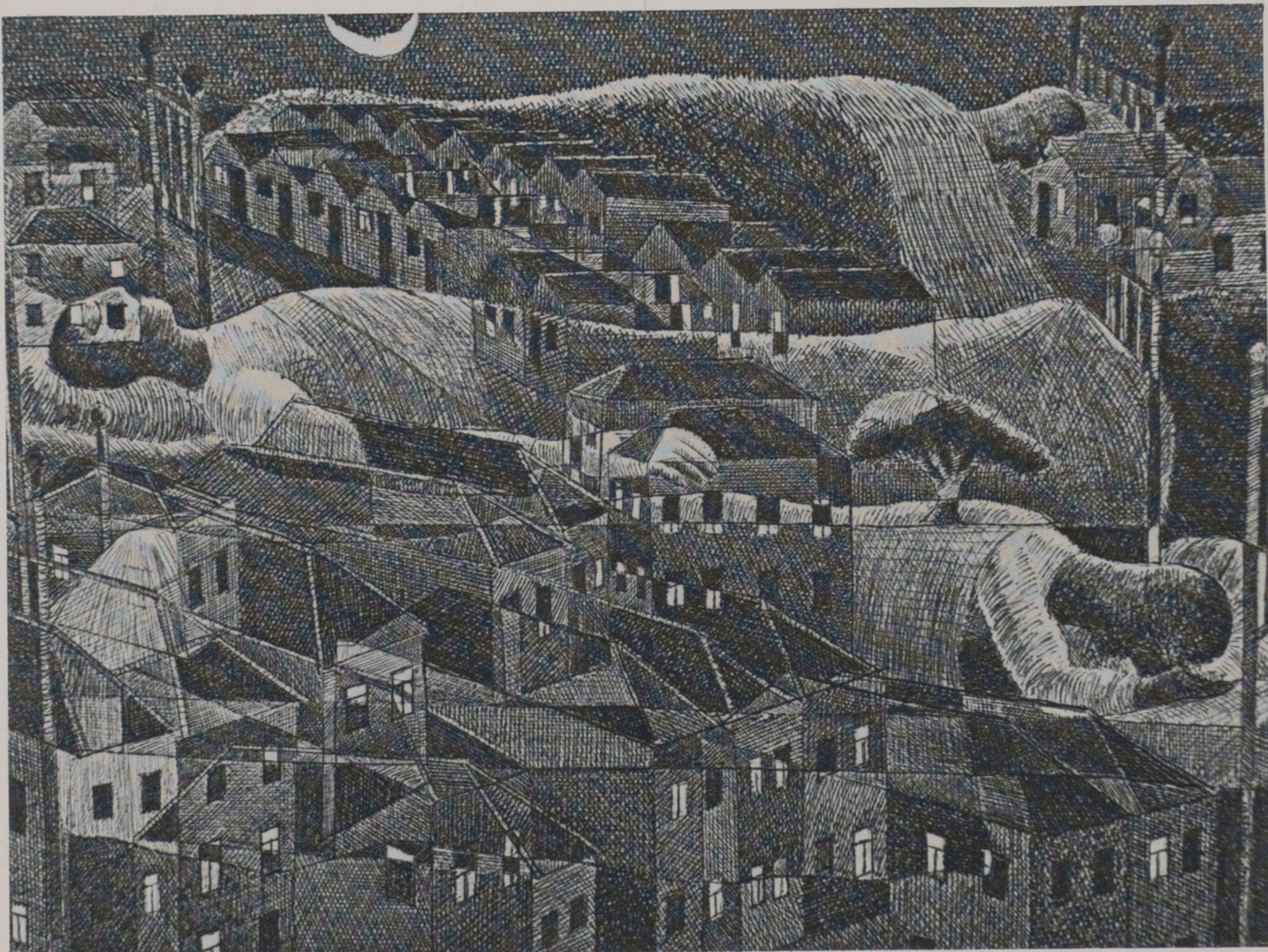
1. Noite. S/d., 11,5x17,1
2. Músicos. S/d., 26,1x20,9.
3. Músicos (negativo). S/d., 26,2x20,3
4. Cidade. S/d., 42x24,5

ÁLBUM: "A CIDADE MODERNA", ensaio gráfico-poético

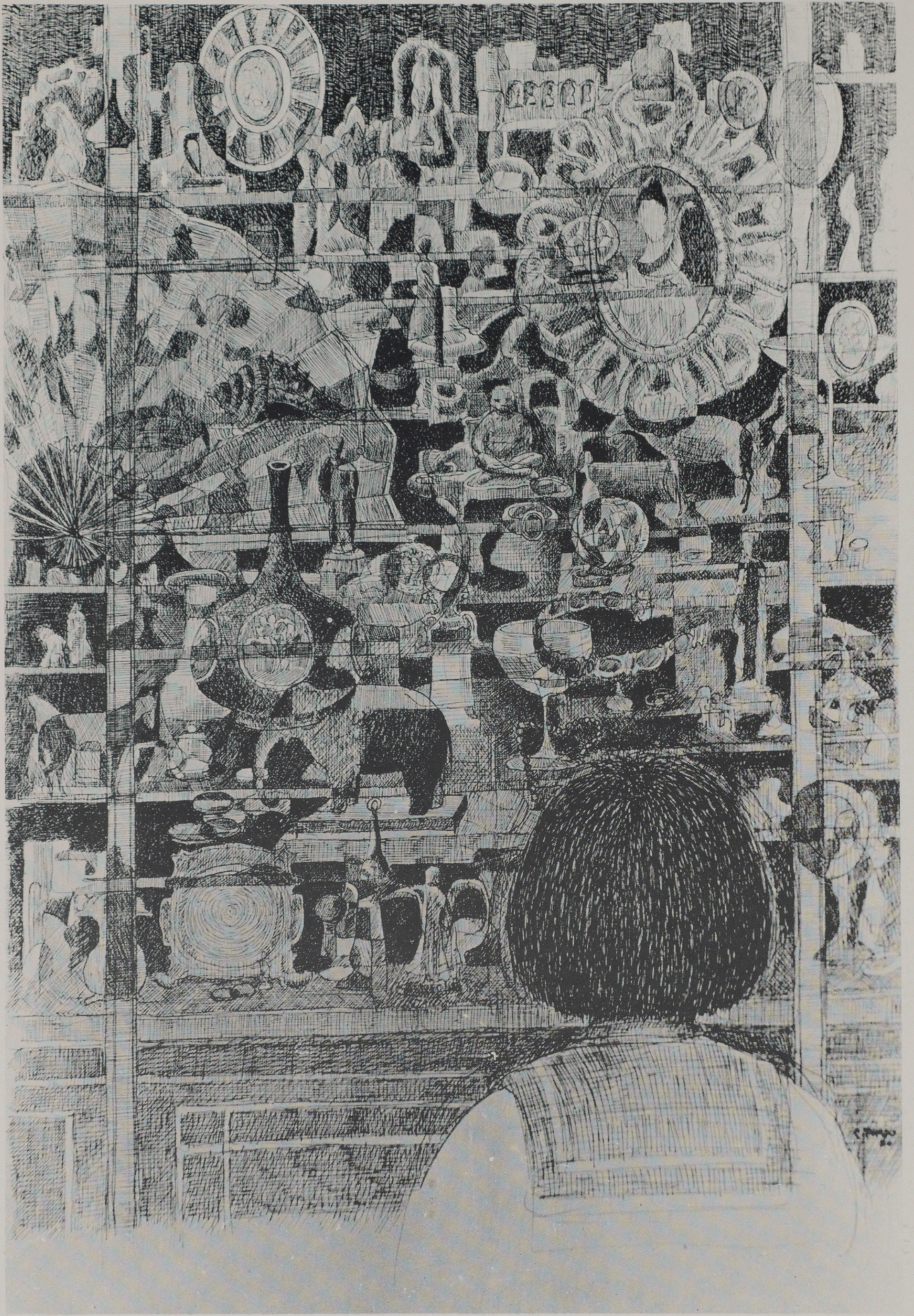
Gravuras impressas pelo artista,
folhas destacadas.

Lausanne, 1958.

1. Canto de Sereia. 28x25
2. Rua. 21,8x26,5
3. Fila. 30,5x20
4. Fantasmas. 18,8x26,5
5. Homens versus Homens. 18,9x26,4
6. O Homem Solitário. 26,8x18,3
7. Intermezzo. 26,8x21,8
8. Santuário. 26,8x18,8
9. Ladainha. 26,4x21,6
10. Subúrbio. 26,4x21,5
11. Noturno. 26,5x21,5
12. Raio de Luz. 27,7x24x5



Noite.



A Vitrina.

masm

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO